



COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO: A DUPLA APREENSÃO DO SENTIDO POR CHARAUDEAU¹

Juliana Behrends de Souza Cerqueira (Doutoranda/UFF)²

CHARAUDEAU, P. Compréhension et interpretation: interrogations autour de deux modes d'appréhension du sens dans les sciences du langage In: ACHARD-BAYLE, G; GUÉRIN, M; KLEIBER; G.; KRYLYCHIN, M. (orgs.). *Les sciences du langage et la question de l'interprétation (aujourd'hui)*. Limoges, Les Éditions Lambert-Lucas: 2018. p.21-55. Disponível em português em: <https://ciadrj.létras.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/11/ARTIGO-CHARAUDEAU-2019-3.pdf>.

Acesso em 07 maio de 2023.

Esta resenha almeja detalhar a tradução em português da *Compréhension et interpretation: interrogations autour de deux modes d'appréhension du sens dans les sciences du langage* de Charaudeau (2018), efetivada Ângela M. S. Corrêa. Sobre o pesquisador francês, cabe destacar que este compõe Universidade Paris-Nord, é especialista em Análise do Discurso e fundador da Teoria Semiolinguística. Dividido em seis seções e diversas subseções, o artigo de Charaudeau (2018) problematiza de modo muito amplo a questão da sinonimização e da hierarquização dos termos *compreensão* e *interpretação*. Assim, organiza suas discussões sob os seguintes eixos: *Introdução*, *O que dizem os dicionários*; *O que diz a discussão hermenêutica*; *Na hermenêutica*; *Da compreensão do sentido à compreensão da significação*; *Das operações interpretativas por inferência*; *As interpretações segundo a situação e o status do sujeito interpretante*; e *Conclusões*.

¹ Resenha produzida para composição de nota junto ao curso **CONCEITOS BÁSICOS EM SEMIOLINGUÍSTICA – TEORIA E ANÁLISE** (Disciplina Semiolinguística), ministrado pela Professora Ilana Rebelo, do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos de Linguagem, no 1º semestre de 2023.

² Possui graduação em Português/Inglês pela Fundação Educacional Unificada Campo-grande (2005), pós-graduação em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português (2007) e em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências e Educação do Espírito Santo (2019), mestrado em Letras na UFRRJ (2018), Doutorado em Ciências da Educação (UI-PY) e estuda Doutorado em Estudos da Linguagem na UFF (2022-2026). Fez, ainda, aperfeiçoamento em Ensino de Língua Portuguesa/ Literatura CEDERJ (2012) e Tecnologia Assistiva, Projetos e Acessibilidade: Promovendo a Inclusão UNESP (2010). Atualmente, é professora regente de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II.



A primeira seção destinada à *Introdução* interroga as noções de *compreensão* e de *interpretação* a partir da descrição das diferentes operações interpretativas, segundo a posição ocupada pelo sujeito interpretante. Charaudeau (2018) abre espaço para definições dicionarizadas, sopesando que tais noções não “[...] permitem distinguir com clareza a relação existente entre compreensão e interpretação, apesar de se entender que a compreensão consiste em um ato global resultativo, e a interpretação em uma série de operações” (p. 2).

Em *O que diz a discussão hermenêutica*, o autor inicia conceituando que a hermenêutica é “[...] arte de interpretar os textos” (p. 3), enquadrando-a interdisciplinarmente em três diferentes momentos: (I) de Dilthey (1947), que a percebe como um fundamento metodológico a serviço das ciências humanas; (II) o de Nietzsche (1995) e de Heidegger (1986), que a veem como algo para além do método e da mera interpretação; (III) e o de Gadamer (1996), que avança para uma hermenêutica universal da linguagem, implicada a um sujeito interpretante e voltada para a compreensão subjetiva, efetivada em processo que funde sujeito e objeto. Parte para a distinção entre compreender e interpretar no âmbito dos estudos voltados filosoficamente à hermenêutica para iniciar a construção dos seus próprios constructos relativos às ciências da linguagem. Apoiando-se mais firmemente em Nietzsche (1995), Charaudeau (2018) assume uma postura mais discursiva, ao citar que “[...] a *compreensão* é concebida como um resultado, e a *interpretação* como uma atividade (p. 6). Assim, conceitua que “[...] no que concerne a compreensão – afastando a questão da transcendência – que ela é, nas trocas languageiras, o momento em que o sujeito receptor tem a impressão de ter recuperado a totalidade do sentido do que é dito, e, por conseguinte, a intenção do sujeito falante que a presidiu.” (p. 7). Por fim, hierarquiza a problemática informando que “[...] a interpretação é uma atividade concebida como *condição de construção da compreensão*.” (p. 7).

De modo muito ponderado, traz à discussão, na terceira seção, a oposição que se estabelece entre o *sentido* e a *significação* no âmbito da hermenêutica e da seara da linguística. Naquela, Charaudeau (2018) aponta que existe uma linha proposta por Schleiermacher (1989) que coloca a interpretação em níveis, o gramatical e o técnico; e uma de Gardiner (1989) que estabelece, prescindindo da oposição, duas instâncias de construção de sentidos. Acerca do âmbito da linguística, reflete que “[...] o sentido varia segundo os contextos



discursivos e as diversas situações de enunciação, num jogo de vaivém entre língua e fala.” (p. 10).

A quarta seção *Da compreensão do sentido à compreensão da significação*, Charaudeau (2018) sintetiza que a compreensão é um momento de apreensão global do sentido que resulta de diferentes atividades de interpretação. Delineia que esse processo de compreensão é dotado de uma relação intersubjetiva entre o sujeito falante (sentido intencional) e o sujeito interpretante (sentido reconstruído), compondo uma co-construção de sentidos. Trabalha, ainda, o conceito de possíveis interpretativos a partir do qual o sujeito analisante faz emergir sentidos da diversidade semântica: a compreensão literal (circunscrita à língua) e a específica (concernente ao discurso). Insere, no âmbito dessa complexa questão, a noção de interpretação semântica (voltada ao sentido literal do enunciado) e de interpretação pragmática (que fundiona as intenções do agente com aquilo que ele realmente diz).

Em *Das operações interpretativas por inferência*, Charaudeau (2018) conceitua o termo “inferências”, indicando que se trata de uma operação mental definida de diversas maneiras e que admite uma verdade subjetiva em razão de seu atrelamento a outras proposições verdadeiras, ou seja, não é uma garantia de verdade. Em sequência, apresenta os modos de se relacionar interna e externamente os elementos que compõem os enunciados: a *inferência centrípeta interna* e a *inferência centrífuga externa*. A primeira, na visão desse linguista francês, se dá na construção “[...] construção do sentido de língua que resulta de inferências centrípetas porque elas se dão no interior do enunciado e de sua vizinhança imediata; por essa razão, pode-se também chamá-las de inferências estruturais.” (p. 17). A segunda se constrói no sentido do discurso, fazendo relação com o que se encontra no exterior do enunciado. De modo pormenorizado, Charaudeau (2018) subdivide o estudo das inferências centrífugas em três eixos: as inferências situacionais, as inferências interdiscursivas e as metadiscursivas epistêmicas. As *situacionais* se circunscrevem em uma dada situação que se estabelece por meio de um contrato de comunicação entre o sujeito falante e o interlocutor, em outras palavras “[...] os indivíduos interpretam os textos e atos de linguagem de acordo com o que sabem daquele que os produz” (p. 20). As *inferências discursivas* decorrem das investidas de sentidos que são carreados de discursos anteriores, denominados pelo autor como *saberes de*



conhecimento (representação dada como verdade – exterior ao sujeito) e os *saberes de crença* (que abarca conhecimentos de mundo com percepções internas – avaliações do próprio sujeito). Por fim, detalha as *inferências metadiscursivas epistêmicas* que recrutam saberes exteriores ao sujeito por intermédio de procedimentos de análise reconhecidos e categorias de outras disciplinas para interpretar tais resultados seja com uma postura interna (relacionadas ao quadro teórico-metodológico) ou externas (por meio do confrontar de diversas disciplinas).

A última seção aborda a interpretação segundo a situação e o *status* do sujeito interpretante. Charaudeau (2018) lista algumas situações de interpretação (diálogo interpessoal; reunião; recepção de palavra pública; em situação de leitor) para materializar a ideia de que “[...] as interpretações dependem do lugar que o sujeito interpretante ocupa no dispositivo da troca” (p. 24). Complementa essas discussões com o destrinchar das interpretações em situação de sujeito analisante, seja ele avaliador ou pesquisador, em seara das inferências epistêmicas.

Charaudeau (2018) conclui que “[...] preciso começar por distinguir os *status* linguareiros dos sujeitos que interpretam: os sujeitos da vida social em diversas situações interpessoais nas quais são levados a assumir certos papéis (discussão, leitura, avaliação); os sujeitos analisantes cujas interpretações dependem das disciplinas e das correntes teóricas” (p. 27).

Portanto, assumindo uma postura avaliativa na presente resenha, observa-se que o exponencial linguista francês consegue colocar a termo conceitos que os usuários da língua e, inclusive, os pesquisadores mais experientes comumente usam de forma fusionada e intercambiada biunivocamente. Assim, com detalhado aprofundamento teórico, inferências epistêmicas diversas e uma interpretação oriunda de um sujeito analisante, possibilita aos diferentes ramos da linguística e, por consequência, a todo âmbito das Ciências da Linguagem a segurança teórica necessária para a utilização das palavras *compreensão* e *interpretação*. Com linguagem clara e auxílio de uma excelente tradução, a obra aqui resenhada serve a diferentes propósitos e se encaixa com facilidade numa ampla gama de investigações.